

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

05-12-2022

PARA UM ANO RUIM, UM BOM FIM DE ANO!

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

“É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Walter Benjamin)

Dante desse mar imenso, ainda revolto em razão da chuva vespertina, lembro-me de uma passagem de Walter Benjamin que me chega em forma de cápsula do tempo. Como estou em frente ao oceano, profundo e misterioso, as palavras de Benjamin caberiam também numa daquelas garrafas que se lançam ao mar com um bilhete falando de saudade ou pedindo socorro. Quando eu abro a cápsula benjaminiana leio o seguinte: “*não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo decente possa resultar disso*”. Essa mensagem do filósofo frankfurtiano, embora venha do longínquo ano de 1933, do curto ensaio “*Pobreza e experiência*”, pode ser estampada como um emblema dos tempos atuais. Com uma sensibilidade ímpar, Walter Benjamin enxerga aonde nos levarão os caminhos traçados pela modernidade industrial e tecnológica do mundo ocidental.

Esse mundo pobre de experiência é o que nos consome no momento. Estamos rodeados do muito que, pela velocidade em que se acumula e se desfaz, é quase nada. A vida angustiada e ansiosa que emerge desse cenário é povoada de gente com *smartphones* nas mãos, por especialistas em tudo, cheios de nada; por mentores e *coaches* infelizes e decadentes vendendo a felicidade ou explicando o mundo para aqueles que já não sabem vivê-lo. E que mundo eles explicam? O mundo que se negam a experienciar, das minúcias dos fazeres, dos prazeres e das frustrações que moldam o nosso espírito humano? Não, como lhes falta a vivência que marca e cicatriza, que vira memória e conduta, eles vendem um mundo imediatista, ideal e impossível que se desmancha como um algodão doce na boca, com fim invariavelmente amargo ao paladar.

Viramos essas sombras impulsivas e sem causa, quase desumanas, que vagam em busca de satisfação para uma vida que passa sem ser vivida. Sem peso, sem senso crítico, suspensas num eterno presente, com minguadas perspectivas reais de futuro. Como diz Benjamin, “*Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’*”.

A moeda ínfima do atual cria uma dívida eterna inflada pelo nosso narcisismo, a única e precária rede de amparo dos destroços reais que apagamos cotidianamente diante do espelho. A cápsula do tempo de Benjamin guardava algum otimismo, esperava que algo decente pudesse resultar dessa privação da experiência, do empobrecimento das vivências. Ora, que decência se pode esperar do julgamento de pessoas que vivem às cegas? Que decência esperar de um mundo em que a carne humana virou o próprio produto, vendido e consumido ao vivo, como um peixe sombrio descamado dos valores, fatiado nos desejos, espicado nos direitos em tempo real, banquete para um prazer, ao mesmo tempo, sádico e masoquista? Como diz um velho novíssimo poema de Drummond, em *As impurezas do branco*, 1973, de que me lembro agora: “*A carne pisoteada de cavalos reclama pisaduras mais / A vontade sem vontade encrespa-se, exige contravontades mais / E se consome no consumo*”.

Há quadro mais desolador que este dos dias em que vivemos?

Há imagens menos duras do que as de Drummond para caracterizar os comportamentos que presenciamos em todas as camadas da sociedade neste fim de ano?

Negros racistas, mulheres machistas, judeus nazistas, trabalhadores pobres defendendo a exploração do trabalho escravo, gays defensores de homofóbicos...

Todos, todos, todos boiando numa superfície vazia que flutua sobre as piores violências possíveis.

Não existe outra saída para o cinza de dias tão tristes senão trabalhar para alargar o tempo, para revolver as camadas demasiado ilusórias que cobrem o sangue vivo das experiências. É preciso adiar qualquer espera e, dia após dia, insistir nas experiências coletivas com trocas reais de afeto, de trabalho, de criação, de invenção, de gestos. É necessário promover enfrentamentos vivos e intensos, corpo a corpo, abraços que encontram a voz, a expressão, os cheiros e os gostos. Ancorar a carne no mais terreno chão possível, roçar o que é mais vivo a todos os sentidos, criticamente. Para retomar por um trilho otimista os versos drummondianos a que me referi, é preciso desinflar aquilo que cada vez mais está cheio de flato e feno e fone e fanopeia... Se Walter Benjamin estivesse aqui, hoje, decerto não seria mais otimista do que eu. Vejo luz no fim do túnel. Há braços!

■ ■ ■

Referências

- Andrade, Carlos Drummond. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record, 2005
- Benjamin, W. O narrador. *Obras escolhidas*, V.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Benjamin, W. Pobreza e experiência. *Obras escolhidas*, V.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.